

O que a campanha #MeToo conseguiu mudar de fato?

O Oscar, o Globo de Ouro, o Festival de Cannes... até 2017, todos esses eram eventos em que - salvo raras exceções -, atores, atrizes, produtores e diretores trocavam tapinhas nas costas e elogios amistosos. Neste ano, no entanto, tornaram-se palco de uma campanha robusta de protesto.

[\(BBC Brasil, 21/05/2018 - acesse no site de origem\)](#)

O movimento #MeToo, uma campanha que se multiplicou entre as atrizes de Hollywood contra a cultura de assédio sexual no principal cenário do cinema mundial, tomou conta desses eventos e repercutiu em todos os cantos do planeta.

Tudo começou com um caso que veio à tona no jornal *The New York Times* acusando um dos maiores executivos de Hollywood, Harvey Weinstein, de ter assediado, abusado e até estuprado dezenas de atrizes. As primeiras acusações apareceram em 5 de outubro, e o poderoso produtor acabou demitido de sua própria empresa durante aquela semana. A “Caixa de Pandora” foi aberta. Weinstein nega ter se envolvido em sexo não consensual.

Em 15 de outubro, a atriz Alyssa Milano sugeriu no Twitter que todas as mulheres que tivessem sido sexualmente assediadas ou agredidas respondessem para ela na rede social com a hashtag #MeToo (“Eu também” em tradução livre). A ideia era mostrar a dimensão do problema. Pelo menos meio milhão de mulheres enviaram suas respostas nas primeiras 24 horas.

Desde então, uma enxurrada de denúncias surgiu contra homens da alta classe do entretenimento, da mídia, da política e da tecnologia. Muitos negam as acusações. Até hoje surgem novas denúncias e novas repercussões, e a dinâmica de poder em Hollywood, sem dúvida, mudou.

Mas as mudanças mais efetivas que o movimento trouxe na prática, para além do universo hollywoodiano, ainda não estão tão claras: há algo de

diferente acontecendo para as milhões de mulheres que compartilharam suas histórias com a #MeToo? Será que o movimento também trouxe mudanças para as vidas delas? Até que ponto esse protesto trouxe uma mudança real?

Efeitos

Uma iniciativa que surgiu a partir da campanha foi a proposta de criação de fundo para arrecadar dinheiro e fornecer ajuda legal a mulheres que sofreram assédio ou abuso, o “Time’s Up Legal Defense Fund”.

Mais de 300 atrizes, escritoras e diretoras lançaram o projeto em 1º de janeiro deste ano e arrecadaram US\$ 21 milhões (cerca de R\$ 78 milhões) em apenas um mês para ajudar a bancar os custos judiciais de processos de assédio sexual sofrido por mulheres no trabalho.

O National Women’s Law Center (NWLC) - centro de auxílio jurídico para as mulheres com sede em Washington DC - está reunindo as vítimas e indicando advogados para ajudá-las gratuitamente.

“Nós recebemos mais de 2,7 mil solicitações de mulheres de todos os Estados americanos e existem mais de 500 advogados na rede dispostos a ajudar nos casos do Time’s Up”, explicou Sharyn Tejani, diretora do fundo na NWLC, à BBC.

“O fundo prioriza casos envolvendo mulheres de baixa renda, outras que estão em empregos ‘não tradicionais’, pessoas negras, LGBT, e as que estão enfrentando retaliações legais por terem denunciado casos de assédio”, completou Tejani.

Tina Tchen, que também coordena os esforços de assistência jurídica do fundo, disse que os beneficiários incluem “trabalhadoras da construção civil, guardas prisionais e policiais”, e acrescenta: “Há homens que se apresentaram também.”

Ela explica que alguns desses homens vivenciaram o assédio sexual e outros as procuram por conta de suas esposas ou de algum familiar.

Esse foi outro fenômeno importante da #MeToo: o fato de lançar holofotes

para os homens, que também apareceram como vítimas. Segundo Sian Brooke, do Instituto de Internet da Oxford, que estuda gênero e sexismo online, essa foi uma das revelações mais importantes do movimento.

“Um grupo pode receber atenção e ser levado a sério com relação a alegações de estupro, sem tirar qualquer peso de outra parte”, observa ela.

O #MeToo ajudou vítimas a buscar ajuda?

De outubro a dezembro de 2017, as ligações para a Rede Nacional de Denúncias de Estupro, Abuso e Incesto nos Estados Unidos aumentaram 23% em comparação com o mesmo período de 2016.

Algumas vítimas chegaram a mencionar a hashtag #MeToo como uma influência para terem denunciado e afirmaram que ela ajudou a remexer a dor que estava adormecida. Outras afirmaram que não se sentiam mais sozinhas e tiveram coragem para falar sobre um trauma de abuso com familiares ou com outras pessoas que tiveram experiências similares.

“O movimento trouxe à tona o tema do assédio sexual e do abuso para a consciência das pessoas”, disse Brooke.

“Mesmo que parte da discussão seja crítica ao movimento, você ainda está trazendo uma consciência de que isso acontece”.

Uma organização sem fins lucrativos chamada 1in6, em Los Angeles, apoia os homens sobreviventes de abuso sexual. A diretora de comunicação do grupo, Meredith Alling, disse à BBC que a hashtag #MeToo teve um impacto rápido e importante no número de homens que procuraram a instituição quando o movimento veio à tona.

“Vimos um aumento de 110% no tráfego do site e 103% de aumento no uso do serviço online de ajuda do grupo entre setembro e outubro de 2017. E essa tendência continuou”, disse.

Ambiente de trabalho

Nos Estados Unidos, as empresas estão pensando em novas maneiras de criar um ambiente mais positivo no trabalho e uma cultura mais saudável

depois do #MeToo.

Ted Bunch é o co-fundador de um grupo de ativistas que promove formas mais saudáveis e respeitadas de “ser homem” - são chamados “A Call To Men” (Um chamado para os homens, em tradução livre), e eles têm relatado um aumento da procura por parte das empresas.

“Vimos principalmente o aumento do número de empresas buscando entender por que o assédio sexual é tão comum nos locais de trabalho”, disse.

Brunch acredita que problemas podem surgir porque o ambiente de trabalho é um microcosmo da sociedade no qual homens e meninas são muitas vezes ensinados a verem mulheres como objetos, que valem menos.

“A maioria dos homens não é abusadora. Mas quase todos os homens já riram de piadas machistas, ou objetificaram as mulheres de alguma forma. Quando você liga os pontos e mostra para os homens que essas piadas que eles julgam serem inofensivas validam e alimentam o comportamento nocivo contra as mulheres, eles começam a querer mudar”, disse.

Além dos EUA

Fora do território americano, o impacto da campanha contra o assédio iniciada em Hollywood é sentido de forma diferente por diferentes grupos. No Reino Unido, uma consultora de recursos humanos disse que ficou surpresa com a falta de demandas inspiradas no #MeToo.

“Não observamos nenhum aumento no volume de solicitações de treinamento ou mesmo no volume de treinamento que estamos recomendando. Não acho que tenha tido um impacto significativo”, disse Elaine Howell, gerente de RH da PlusHR.

“Temos clientes em serviços profissionais, clientes industriais, financeiros, marketing ... Parece ser algo bem específico para essa indústria [entretenimento]”.

Mas quando consultamos o sindicato de atores britânicos Equity, que

representa mais de 43 mil profissionais, eles relatam uma experiência diferente.

O órgão não revela números exatos, mas afirma que houve um aumento significativo “em consultas e casos trabalhados desde o #MeToo”.

Para a vice-presidente do Equity, Maureen Beattie, a mensagem já ficou clara para o mercado: nenhum comportamento inadequado vai passar mais sem ser punido. “Se você faz algo errado com algum dos nossos membros, algo inaceitável, nós vamos atrás de você até o fim”, disse.

“Essas pessoas (abusadores) não foram embora. Estão embaixo de uma pedra. Estão se escondendo, esperando apenas o momento em que ninguém mais estiver olhando”, completou.

“Uma das coisas que estamos fazendo é pedindo às pessoas que estão no mercado há bastante tempo, pessoas que são estrelas, pessoas que têm influência, para ficarem de olho. Não que eles tenham de ser treinados para ajudar alguém que tenha sido assediado sexualmente, mas [eles] podem dizer: ‘Com licença? Você não pode agir assim com as pessoas’.”

Online e offline

A hashtag #MeToo ganhou fama recentemente, mas o movimento, originalmente, é mais antigo. Em 2006, a ativista negra Tarana Burke fundou o Me Too como uma iniciativa para reunir vítimas de violência sexual.

Desde que ele tomou maiores proporções com a chegada da hashtag na internet, ela se empenhou em fazer com que o movimento tivesse uma mudança mais efetiva em diferentes níveis da sociedade.

Um de seus comentários mais contundentes aconteceu uma semana antes dela andar no tapete vermelho do Oscar de 2017: “Se continuarmos apenas fazendo declarações e não partirmos para a ação, nós estaremos em apuros.”

Sarah Jackson, professora de estudos de comunicação na Northeastern University, acredita que o contexto é a chave para dar sustentação ao Me Too.

“Eu não chamaria a hashtag ‘Me Too’ de um movimento. Eu chamaria de uma campanha que é parte de um movimento maior. O movimento é pelos direitos das mulheres, é pelo feminismo. Eu diria que a #MeToo é um indicativo do tipo de debate que precisa acontecer”, disse.

“O próximo passo é dizer: ok, sabemos qual é o problema, então, como podemos fazer para expandir esse debate para o mundo todo?”

O Google, com o projeto “Me Too Rising”, conseguiu ilustrar como a conscientização com relação a essa questão se espalhou pelo mundo.

As informações mostram que o termo foi buscado em muitas partes do planeta, mas a repercussão foi maior em alguns países. A liberdade de imprensa de um país ou o potencial das redes sociais também tiveram impacto nisso - ainda é cedo para dizer como o movimento vai influenciar os locais onde ele repercutiu de maneira mais discreta, como o Japão e a Coreia do Sul, por exemplo.

Karuna Nundy, advogada da Suprema Corte da Índia, compartilhou sua opinião sobre a relevância de #MeToo para o país, onde a revolta com crimes sexuais provocou ondas de protestos nos últimos anos.

“As conversas do #MeToo na Índia são limitadas a uma faixa de pessoas que falam inglês e têm acesso à internet. É bastante em números absolutos, mas pequeno para a Índia. No entanto, isso se soma às enormes conversas que já estavam acontecendo. A ideia de que a Justiça está falhando para as mulheres, e a desobediência civil pode ser legítima nesses casos”.

Nundy, que esteve envolvida no movimento para aprovar a lei anti-estupro na Índia em 2013, afirma que as vítimas agora são levadas mais a sério quando denunciam.

“Eu tive um caso de estupro ontem contra um produtor importante de Bollywood (a versão indiana da indústria americana do cinema). Minha cliente é uma mulher muito jovem que disse ter sido estuprada por um período de seis meses com lesão corporal. Independente da decisão do tribunal, acho que a forma como fomos ouvidas pelo presidente do Supremo Tribunal e pelos dois juízes é muito diferente da maneira como teríamos sido

ouvidos, digamos, 15 anos atrás”, afirmou.

“Existe uma interação entre a consciência social, a lei e a Justiça de fato. E é exatamente isso que eu acho que está acontecendo. ”

Desse modo, talvez a #MeToo não seja um ponto final, mas o início de algo maior. Um toque para as pessoas buscarem mudanças nas suas comunidades e para lutarem por melhorias no sistema - especialmente para aquelas que não têm o poder para lutarem sozinhas.

MPT quer adequações em novela da Globo para garantir representatividade racial

Além de questionar nova novela Segundo Sol, órgão pede levantamento sobre número de negros na emissora

[\(Jota, 11/05/2018 - acesse no site de origem\)](#)

O Ministério Público do Trabalho no Rio de Janeiro (MPT-RJ) encaminhou um documento à Rede Globo para que a emissora adeque o roteiro e a produção da novela “[Segundo Sol](#)”, que vai estreiar na próxima segunda-feira (14/5), às 21h, para que o folhetim tenha uma “devida representação racial”. Leia a [íntegra](#).

Ambientada na Bahia, estado com o maior percentual de população negra do Brasil, a novela tem sido alvo de críticas pelo baixo número de atores negros em seu elenco.

Segundo o MPT, que enviou 14 recomendações à emissora, chegou ao órgão uma denúncia no sentido de que a Globo “não estaria observando o respeito à representatividade negra, violando inclusive normas de promoção da

igualdade do estado do Rio de Janeiro e da Bahia”.

No item 12 do documento, o MPT pede que sejam feitas “adequações necessárias no roteiro/produção, para observância dos princípios orientadores do Estado Democrático de Direito, entre estes a proibição de discriminação (artigos 3º e 5º da CRFB/88), traduzida de forma específica em relação às produções dos meios de comunicação nos artigos 43 e 44 da Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010 - Estatuto da Igualdade Racial”.

O órgão diz que a Globo deve “assegurar a participação de atores e atrizes negros e negras em novelas e programas, dentre outros produtos, a fim de propiciar a representação da diversidade étnico-racial da sociedade brasileira, especialmente em cenários de população predominantemente negra”.

Além disso, a Globo deverá comprovar nos autos as providências adotadas, em 10 dias, “no que tange às medidas adotadas em relação à participação de atores e atrizes negros e negras na novela Segundo Sol”.

De acordo com os procuradores do Trabalho que assinam a peça, o descumprimento da recomendação poderá caracterizar “inobservância de norma de ordem pública”, cabendo ao Ministério Público “convocar a empresa recalcitrante para prestar esclarecimentos em audiência e, eventualmente, firmar termo de compromisso de ajustamento de conduta, previsto na Lei 7.347/85, art. 5º e 6º, ou propor ação judicial cabível, visando à defesa da ordem jurídica e de interesses sociais e individuais indisponíveis”.

Além de recomendações à nova novela, o MPT ainda quer a elaboração “imediata” de um censo dos trabalhadores que prestam serviços à empresa, empregados ou não, com recorte de raça/cor e gênero, de forma integral e com indicadores de gerência e diretorias.

A Procuradoria ainda pede um levantamento sobre a representação das pessoas negras e o número de artistas negros e negras que aparecem em telenovelas, séries, propagandas, programas de entretenimento entre outros produtos, produzidos pela empresa bem como o de jornalistas e

comentaristas.

Procurada, a Globo informou, por meio de sua assessoria de imprensa, que reafirma que “respeita a diversidade e repudia qualquer tipo de preconceito e discriminação, inclusive o racial”. A emissora confirmou que recebeu a nota do MPT.

Guilherme Pimenta

Participação de negros em novelas evolui, mas ainda é longe do Brasil real

Com personagens negros em destaque, “O Outro Lado do Paraíso” entrega o que Walcyr Carrasco prometeu desde o anúncio da trama ao abordar o racismo.

[\(UOL, 30/03/2018 - acesse no site de origem\)](#)

A personagem escolhida para ser o fio condutor das polêmicas que envolvem o tema é Nádia (Eliane Giardini), mulher branca que fez o diabo para separar o filho Bruno (Caio Paduan) de Raquel (Erika Januza), uma negra, e na última semana destilou seu fel racista sobre o neto, que antes mesmo de receber um nome teve de passar por um teste de DNA para provar que é filho de Diego (Arthur Aguiar).

Leia mais: [Ancine anuncia cotas de gênero e raça em edital para produção de filmes \(UOL, 29/03/2018\)](#)

Assim como em “Outro Lado”, ao longo da história da teledramaturgia brasileira, os negros ganharam destaque nas novelas quando o racismo é abordado de forma clara, mas será que não há mais espaços para

personagens negros? Especialistas ouvidos pelo UOL dizem que sim.

Tramas de época que tinham o tema escravidão, como as emblemáticas “Escrava Isaura” e das duas versões de “Sinhá Moça”, além de “Lado a Lado”, que falava do Brasil pouco depois da abolição, tinham por obrigatoriedade trazer mais personagens negros do que os demais tipos de novelas.

Especialistas apontam que ao longo de pelo menos 40 anos de teledramaturgia, para além das novelas de época, a presença de personagens negros evoluiu na TV brasileira. Houve um aumento da participação nos anos 1980 por conta das tramas de época, uma queda nos anos 1990 com a diminuição desse tema e uma leve subida a partir dos anos 2000.

Se a população de pretos ou pardos no país é de 54%, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), as novelas deveriam ter mais pessoas que representam essa fatia, como aponta o pesquisador, cineasta e escritor Joel Zito Araújo, autor de “A Negação do Brasil”, documentário lançado em 1999.

“Embora haja um esforço para evitar estereótipos e situações desagradáveis que estimulam a baixo autoestima da população negra, ela continua quase insignificante como representação.”

Além da quantidade ainda não ideal de personagens negros, há ainda os estereótipos. Araújo destaca o esforço dos próprios atores negros para acabar com esse estigma.

“Os tipos humanos, a cor de pele, dos olhos e cabelos que estão na TV parece querer passar que não somos um país negro, mas um país branco, nórdico. É o ideário de embranquecimento do século 19. Quem liga em nossas novelas e séries pensa que nos Estados Unidos há mais negros que aqui, quando os pretos e pardos lá são 13%”, explica o pesquisador.

“Eu migrei para o Netflix e Amazon também porque a dramaturgia deles começou a contemplar personagens negros como heróis, como vilões interessantes, entre outros perfis que a nossa TV está longe de alcançar. Mas há também um esforço dos atores que tentam fazer esse trabalho de

educação para a mudança. Eles gastam uma quantidade enorme de energia pessoal. Houve uma evolução produtiva, mas o ideário do branqueamento não foi mexido”, ressalta.

Caricatura para tratar racismo

Para além dos números, os pesquisadores do Gemaa (Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa) identificam uma circunstância que aparece em algumas tramas que tratam a questão do racismo abertamente, como acontece em “Outro Lado”: a forma caricata como o racismo é apresentado.

Nádia é um exemplo claro do que explica o sociólogo e coordenador do Gemaa, Luiz Augusto Campos.

“Geralmente usam uma caricatura para tratar o racismo. O racista também é homofóbico, tem uma série de preconceitos, é um meio vilão. Dificilmente tem outra abordagem”, disse o especialista.

Se formos para trás das câmeras, como diz Campos, a situação ainda é menos representativa para a população negra.

“São ainda menos diretores, produtores e roteiristas negros. Por mais esforços que façam para aumentar o casting de negros, a evolução ainda é muito lenta atrás das câmeras”, afirma Campos sobre outro motivo que pode explicar porque o Brasil das novelas é ainda tão branco.

Carolina Farias

Só 15% das produções da TV

paga brasileira foram dirigidas por mulheres em 2017, por Ancelmo Gois

Não é só o cinema. A TV paga também é do clube do... Bolinha. Em 2017, 79% das obras brasileiras exibidas na TV por assinatura foram dirigidas por homens.

[\(O Globo, 29/03/2018 - acesse no site de origem\)](#)

E 6% tiveram direção mista. Os dados serão divulgados hoje pela Ancine, no Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual.

Ou seja...

Somente 15% das produções foram dirigidas exclusivamente por mulheres.

E olha que, entre os graduados em cursos de audiovisual no país, 53% são mulheres. E, no universo das empresas produtoras, 52% dos empregos formais são delas.

Assédio: quando a violência contra a mulher não é apenas ficção, por Gabriella Bertoni

Nos últimos meses, o mundo do cinema se voltou para um tema há muito tempo velado: a violência contra a mulher. Em outubro do ano passado, várias atrizes se uniram em protesto após denúncias de assédio sexual cometido pelo produtor Harvey Weinstein. Com a #Metoo (Eu também), as

intérpretes participaram do Globo de Ouro com vestidos pretos, em sinal de luto pelo o que acontece na indústria cinematográfica.

(Finanças Femininas, 20/02/2018 - acesse no site de origem)

No início de fevereiro, a atriz Uma Thurman disse ter sofrido assédio sexual por parte de Weinstein, após a estreia de “Pulp Fiction: tempo de violência” (1994), de Quentin Tarantino. Em entrevista ao jornal [The New York Times](#), a atriz narrou o acontecido. “Ele me empurrou para baixo. Tentou se enroscar em mim. Tentou se expor. Fez várias coisas desagradáveis, mas, na realidade, não me obrigou a nada. Foi mais como se eu fosse um animal se contorcendo para sair dali. Como uma lagartixa”, disse.

Antes disso, Weinstein já teria tentado assediá-la, ao vestir um roupão de banho durante uma reunião sobre um projeto, dentro de um quarto de hotel, em Paris. Ela teria tentado marcar um encontro com produtor para conversar sobre o incidente, e, após uma discussão, ele a ameaçou: “Você vai perder sua carreira, reputação e família.” Weinstein admitiu, em nota ao jornal *The Hollywood Reporter*, ter feito avanços sexuais sobre a atriz, mas disse não tê-la assediado fisicamente.

Os protestos se repetiram na premiação do Bafta, o Oscar britânico, na noite deste domingo (18/02). Com vestidos pretos e broches com os dizeres ‘Time’s up’ (Acabou o tempo), atrizes como Angelina Jolie, Jennifer Lawrence e Lupita Nyong’o se expressaram contra o assédio sexual sofrido nos bastidores das gravações dos longas-metragens.

Assédio sentido na pele

Há sete anos no meio cinematográfico, a videoassist e assistente de câmera Bruna Duarte conta que já sofreu assédio moral e sexual. “Houve um caso em que foram as duas coisas em uma mesma situação. Abuso eu nunca sofri, mas conheço pessoas que sim, e a lista de histórias desses casos que eu já ouvi é bem longa.”

“A violência contra a mulher no cinema ainda é muito presente, infelizmente. Acredito que tem melhorado nos últimos anos, e já ouvi de algumas mulheres, que estão no mercado há mais tempo, coisas do tipo: ‘se vocês

acham que está ruim agora, não fazem ideia de como era há 15, 20 anos'. E tenho certeza de que elas devem ter razão nisso, mas já ter sido pior pra elas não justifica continuar sendo ruim", reforça.

"Caça às bruxas" e "Puritanismo"

Em entrevista ao jornal austríaco Kurier, o cineasta Michael Haneke, autor de filmes como *Violência Gratuita* (1997) e *Amor* (2012), tentou desmerecer o movimento #MeToo ao dizer que "se transformou em uma caça às bruxas", que gera uma espécie de "puritanismo" e que acaba por prejudicar a criação. "Esse novo puritanismo me preocupa, impregnado de ódio aos homens, que nos deixa no rastro do movimento #MeToo", declarou.

Porém, este movimento ao qual Haneke se refere, surgiu após notícias da destituição de Weinstein em sua própria empresa. O mesmo produtor que tentou atacar Uma Thurman teve diversas acusações de assédios sexuais supostamente cometidos durante anos, todos silenciados com dinheiro. Entre as vítimas, estão Mira Sovino, Ashley Judd, Gwyneth Paltrow e Angelina Jolie. A exposição do caso de Weinstein serviu para encorajar mais mulheres a exporem situações de violência vividas no cinema. Relatos graves, como o caso da atriz Maria Schneider no filme "Último Tango em Paris", em que foi estuprada em cena pelo ator Marlon Brando, haviam sido denunciados no passado. No entanto, esse tipo de denúncia não era levada a sério como vem acontecendo agora - o que reforça a importância do engajamento ao movimento #MeToo.

Ter o cuidado para não reproduzir algumas práticas abusivas e se unir à luta contra a violência faz parte do cotidiano de Bruna. "A gente tenta fazer nossa parte pra mudar a realidade. O assédio moral chega a ser entendido como algo 'natural' do meio, algo que 'é assim mesmo às vezes', e eu não gosto disso. E isso requer certo esforço pra você mesma não passar a achar natural e reproduzir com outras pessoas", ressalta.

Mudanças também no cinema brasileiro

Durante a 21ª Mostra de Cinema de Tiradentes, celebrada no início de fevereiro, em Minas Gerais, 29 mulheres se reuniram para conversar sobre o

protagonismo delas no mercado audiovisual brasileiro - mais especificamente nos festivais e na mostra citada. “(...) presenciamos, em mais de uma ocasião, o discurso machista sendo proferido de forma escancarada, ou de forma sutil, por homens em situação de poder, encarregados de ministrar oficinas ou de criticar e debater os filmes. O efeito mais tangível do machismo é a desconsideração da fala, a desqualificação das competências e habilidades e o desprezo pelo trabalho de nós, mulheres. Não basta termos voz. Precisamos ser escutadas e ter nosso mérito reconhecido”, diz a nota.

Para que ocorram mudanças sobre a desigualdade de gênero e raça/etnia, e com o objetivo de construir uma cultura de não violência contra as mulheres e de combate ao machismo, o grupo desenvolveu várias sugestões a serem empregadas nos festivais e mostras de cinema no Brasil. Entre elas, está promover um ambiente seguro para as mulheres, através de canais de denúncia de assédio e quaisquer tipos de violência. (Para conferir todo o manifesto completo, [clique aqui](#).)

Vá em frente, #MeToo!, por Soledad Gallego-Díaz

O importante é que os crimes de estupro e abuso ficam impunes em boa parte do mundo

[\(El País, 19/02/2018 - acesse no site de origem\)](#)

Seria uma excelente notícia se o movimento de reivindicação feminista [#MeToo](#) continuasse de pé até a mudança de comportamentos muito difundidos entre a população masculina, que são um abuso contra o princípio democrático da [igualdade](#). E seria muito bom que os homens entendessem isso sem se escandalizarem tanto. O *MeToo* é um grande avanço democrático, não uma ameaça aos direitos civis. Por que tanta indignação? Alguns excessos podem acontecer? Certamente. Isso é bom?

Não. Vamos tentar, juntos, evitá-los. Isso tira o valor do movimento de denúncia de comportamentos abusivos, mantidos em silêncio ou considerados inevitáveis? Absolutamente. Se o movimento *MeToo* conseguir acabar com esses comportamentos, teremos avançado na luta pelos [direitos humanos](#) e a igualdade.

O sensacionalismo consiste em distorcer a realidade, colocando a ênfase não no que é importante, mas em aspectos secundários que podem despertar mais emoções. O importante é que os crimes de [estupro](#) e [abuso sexual](#), que a maioria dos homens e mulheres considera repugnantes, ficam, no entanto, impunes em grande parte do mundo, seja porque não são denunciados ou porque o sistema jurídico não lhes dá a devida atenção. O importante é que os sistemas jurídicos, mesmo em países avançados democraticamente, não prestam atenção suficiente ao [assédio sexual](#). Um homem que se masturba na frente de uma funcionária ou aluna, caso seja denunciado e provado, é punido na Espanha com uma multa de 400 euros (cerca de 1.606 reais) se o comportamento for “reiterado”. Um estudo das [Nações Unidas](#) feito com mulheres parlamentares de 39 países indica que 82% delas se sentiram assediadas sexualmente ao longo de suas carreiras. Uma em cada quatro mulheres que usam o transporte público em Washington sofre algum tipo de assédio sexual.

Portanto, o fato de que esses casos sejam denunciados e originem uma investigação policial obrigatória seria uma excelente prática democrática que deveria ser universalizada. Nenhum homem foi para a prisão exclusivamente por causa da acusação de uma mulher. São os juízes ou os jurados que mandam os criminosos para a prisão. O medo de que a denúncia de abusos sexuais acabe com a carreira de dezenas, centenas, milhares de homens talentosos e talvez apenas um pouco brutos, vítimas de mulheres ressentidas, é absurdo. Para começar, não há confusão alguma entre abusos e homens pouco sensíveis. Existe também em todo o mundo o crime de falsa denúncia, que na [Espanha](#) é punido com até dois anos de prisão. Finalmente, não é coincidência que a grande maioria dos homens denunciados pelo *MeToo* tenha reconhecido que teve esses comportamentos abusivos. Uma coisa é que estejam prescritos legalmente e outra que se pretenda que não provoquem rejeição social. Com que argumentos?

A exigência de favores sexuais em troca de manter o emprego, ajudar ou não paralisar a carreira profissional, recorrente no mundo do entretenimento, mas também no das empregadas domésticas, como lembrou a escritora [Beatriz Sarlo](#), no escritório ou na universidade, não é, de modo algum, uma forma de [prostituição](#), mas uma coação, que é uma grave violação do princípio democrático da igualdade. Não há violência, alega-se, e as mulheres podem dizer “não”. Acontece que, nesse caso, sacrificam suas carreiras, suas expectativas, sua vocação. Se não fizerem esse sacrifício são simplesmente um pouco putas? Isso é certamente o que muitos homens e até algumas mulheres pensam há séculos. Ousar dizer em uma democracia o que a maioria das pessoas pensa, mas cala, não é um ato de coragem (depende do que essa maioria pensa, não?) nem de exigência diante dos lugares-comuns, mas, precisamente, dar-lhe suporte.

Internautas acusam pai de assediar a própria filha no ‘BBB’

Selinho e carícias consideradas ‘íntimas’ demais estão sendo criticadas nas redes sociais

[\(Emais, 23/01/2018 - acesse no site de origem\)](#)

Apesar de a 18ª edição do *Big Brother Brasil* ter tido apenas seu primeiro dia de pay-per-view, alguns momentos envolvendo a família Lima, os primeiros participantes da casa, vêm dando o que falar nas redes sociais - [além das postagens preconceituosas que vieram à tona](#).

No Twitter, um dos assuntos mais comentados do dia foi a hashtag #ForaFamíliaLima, criada por fãs que viram alguns ‘excessos’ na relação entre Ayrton e Ana Clara, pai e filha.

Em um momento na primeira festa do programa, Ayrton deu um selinho na

filha, o que causou estranheza nos fãs. Em outro, ele deita sobre a filha quando ela está na cama, e faz movimentos considerados estranhos. Por fim, durante uma brincadeira na piscina, ele beija sua barriga e coloca a mão na região da genitália de Ana Clara.

Em todos os momentos em que os contatos físicos ocorreram, estavam acompanhados por outros membros da família, como o primo Jorge e a mãe Eva.

Os momentos estão causando furor nas redes sociais, e alguns fãs já falam até mesmo em expulsão.

Não é a primeira vez que os espectadores clamam pela expulsão de participantes. Em 2017, Marcos Harter [foi expulso após ser acusado de agredir sua então namorada na casa](#), Emilly Araújo. No mesmo ano, fãs de *A Fazenda* [pediram sua expulsão no reality da Record TV](#) por suposta violência psicológica sobre Flávia Viana.

Confira abaixo os momentos citados. A seguir, veja também algumas das reações dos internautas.

*Gente que isso????? Nunca vi pai e filha se beijarem assim :s [#bbb18](#)
pic.twitter.com/OnywIZ7Pnb*

— fabs (@eumesmafabii) [23 de janeiro de 2018](#)

*gente isso é Pai e Filha? Por que eu tô enxergando outra coisa [#BBB18](#)
<https://t.co/O9tLzY3060>*

— natan ☐ (@empoderax) [23 de janeiro de 2018](#)

Gente olha isso! Mds, ele beija a barriga dela e depois passa a mão na PPK, DA FILHA!! EU TÔ MUITO HORRORIZADO [#BBB18](#)

pic.twitter.com/b8RL6BLOx9

— Realitys (@TimeRealitys) [23 de janeiro de 2018](#)

o pai beijando a filha, sarrando, beijando a barriga e colocando a mão na parte íntima dela , o sobrinho também e mãe parece que se faz de tapada, isso aí que vocês chamam de representar a família brasileira ? [#BBB18](#) [#forafamilialima](#)

— Jennifer (@milaacabello) [23 de janeiro de 2018](#)

DESCULPA MAS NÃO, EU NÃO CONSIGO ACHAR NORMAL:

*Um pai beijar mais a filha do que a esposa
Encoxar a filha o tempo todo
Beijar a barriga dela
Deitar em cima e fazer movimentos estranhos*

É UM MUNDO FORA DA MINHA REALIDADE, TÔ ACHANDO MUITO ABSURDO [#ForaFamiliaLima](#) [#BBB18](#) pic.twitter.com/FCS1QGX1cC

— mis ☐ (@MisComenta) [23 de janeiro de 2018](#)

o pai beijar mais a filha do que a esposa, encoxar a filha o tempo todo, beijar a barriga dela, deitar em cima e fazer movimentos estranhos, sobrinho sonso e mãe planta

*essa edição não podia ter começado pior
[#ForaFamiliaLima](#)*

— rafael (@rafaelkjls) [23 de janeiro de 2018](#)

se pra vcs esse tipo de selinho é normal entre pai e filha EU TÔ MUITO ERRADA DA CABEÇA VIU [#BBB18](#) pic.twitter.com/Ue4AzclWmX

— theinsecurity (@fakerIIh) [23 de janeiro de 2018](#)

horrorizado com beijo entre pai e filha. [#bbb18](#)
pic.twitter.com/arQ7kMUNBo

— Gui (@Aguinaldinho) [23 de janeiro de 2018](#)

o pai beija beija a filha

o pai sarra a filha

o pai passa amão nas partes intimas da filha

o pai da em cima da própria filha

essa família não representa nenhuma família brasileira, isso é incesto

[#ForaFamiliaLima](#) [#BBB18](#) pic.twitter.com/8vtNNWpuFc

— Samantha (@iSamantha) [23 de janeiro de 2018](#)

Olha a mão do pai na xota da Filha dentro da piscina.

Ai caralho, chega dessa porra Boninho.

— K E L L Y ☐ (@KellyCRF_) [23 de janeiro de 2018](#)

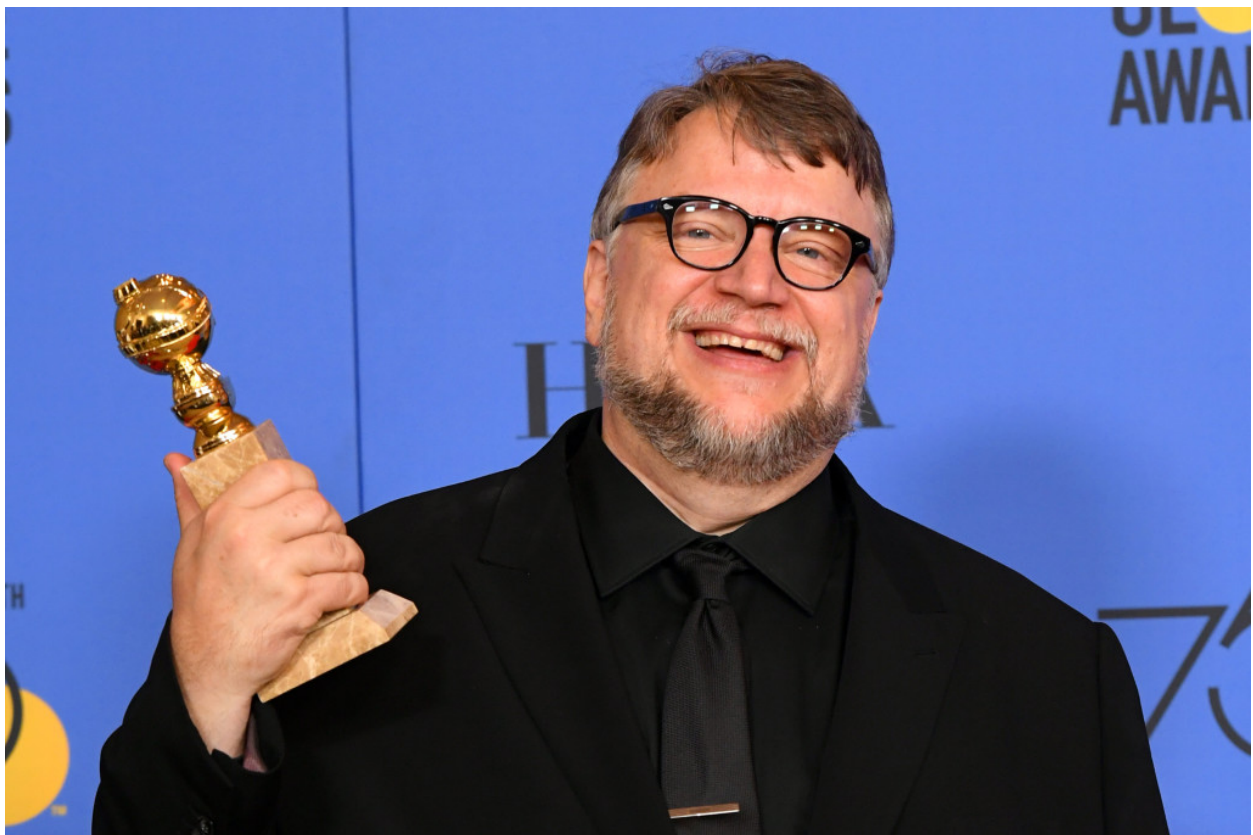
Eles vestiram preto no Globo de Ouro, mas esqueceram de protestar

Apoio dos homens às causas das mulheres no Globo de Ouro 2017 se limitou às roupas pretas e ao brochinho: ninguém se preocupou em protestar de fato.

[\(M de Mulher, 08/01/2018 - acesse no site de origem\)](#)

O Globo de Ouro 2017 foi marcado pelos protestos das mulheres contra os casos de assédio em Hollywood, a desigualdade salarial e o machismo. Muito se falou sobre homens e mulheres unidos pela causa, vestindo preto no tapete vermelho e usando o broche desenhado pelo movimento Time's Up. Mas tanto quanto o dress code, chamou a atenção o fato de que nenhum dos vencedores da noite usou o espaço de seus discursos para protestar em favor da causa.

Sim, claro que eles citaram mulheres importantes de suas vidas. Desde o primeiro vencedor, Sterling K. Brown, até o último, Gary Oldman, todos agradeceram às namoradas, mulheres, filhas e mães. Ewan McGregor, inclusive, agradeceu à esposa, Eve Mavrakis e à namorada, Mary Elizabeth Winstead, no mesmo discurso. Mas ninguém teve coragem de botar o dedo na ferida e falar sobre os casos de assédio, sobre Harvey Weinstein, sobre suas colegas de profissão que sofreram e sofrem nas mãos de predadores sexuais.



O diretor Guillermo del Toro, feliz com seu Globo de Ouro de Melhor Diretor (Kevin Winter/Getty Images)

Com a exceção de Seth Meyers, que apresentou o prêmio e, logo no começo, disparou uma série de piadas sobre Weinstein, e ao produtor executivo de [“The Handmaid’s Tale”](#) Bruce Miller, que fez uma referência ao movimento #metoo em seu discurso, restou às mulheres falar sobre essa questão que tanto as prejudica. O apoio ficou no broche e na roupa preta - que, inclusive, é a cor mais usada nos trajes de gala masculinos, independentemente de protestos.

Mesmo homens que trabalharam em séries e filmes que tem violência contra a mulher como tema - como é o caso de Alexander Skarsgård, vencedor do prêmio de melhor ator coadjuvante em TV por [“Big Little Lies”](#) - ignoraram a temática em seus discursos, e se limitaram a agradecer as colegas de elenco “extraordinariamente talentosas”.

O contraste entre a postura das mulheres e dos homens era gritante. [Elas levaram ativistas para falarem em favor de suas causas no tapete vermelho.](#) [Elisabeth Moss citou Margaret Atwood e disse que agora mulheres são a história.](#) Laura Dern pediu por justiça restaurativa, empregos para vítimas de violência e educação para que as meninas saibam que devem falar dos abusos que sofrem. [Oprah Winfrey fez um discurso inteirinho dedicado às mulheres que sofrem assédio](#) e abuso e lutam para que as coisas mudem.



James e Dave Franco (Foto: Kevin Winter/Getty Images)

Enquanto isso, os vencedores homens recebiam seus prêmios como se nada estivesse acontecendo ou precisasse mudar. Com seus discursos padrão e piadinhas - Aziz Ansari agradeceu até à Itália pela boa comida, mas não mencionou violência ou assédio - fica evidente que as mulheres em Hollywood ainda estão lutando sozinhas e precisarão romper muitas barreiras e derrubar muitos privilégios masculinos até chegar o novo dia nascendo no horizonte prometido por Oprah Winfrey.

Um Globo de Ouro contra o assédio?

Após denúncias de violência sexual em Hollywood, atrizes anunciam protesto e criação de fundo contra abuso na indústria do entretenimento

[\(CartaCapital, 07/01/2018 - acesse no site de origem\)](#)

Caso se confirmem as previsões, o preto será a cor de escolha de muitas atrizes na premiação do Globo de Ouro (Golden Globe Awards), que reverencia as melhores produções para o cinema e a televisão realizadas no ano anterior. A cerimônia acontece na noite deste domingo 7 em Los Angeles, na Califórnia.

A escolha não é apenas um modismo: atrizes como Meryl Streep, Jessica Chastain e Emma Stone usarão o preto no tapete vermelho para lembrar da onda de denúncias de assédios e violência sexual que varreu Hollywood em 2017, alçando ao mundo a hastag #Metoo como forma de expor a naturalização extrema desses episódios no mundo das celebridades do cinema.

A queda do todo-poderoso produtor Harvey Weinstein foi talvez o exemplo mais chocante do tratamento dado por Hollywood a suas atrizes, cuja denúncia partiu inicialmente de uma reportagem do *The New York Times*, assinada por Jodi Kantor e Megan Twohey, posteriormente confirmada por dezenas de mulheres.

Um levantamento feito pela atriz e cineasta Asia Argento mostrou que ao menos 82 mulheres - entre elas Salma Hayek, Gwyneth Paltrow e Angelina Jolie - vieram a público denunciar o comportamento do produtor até outubro de 2017. As histórias, que teriam ocorrido entre 1980 e 2015, incluíam 18 acusações de estupro.

Weinstein acumulava, até 2017, 300 indicações ao prêmio da Academia. Segundo levantamento do site *Quartz*, as menções a ele nos discursos de agradecimento no Oscar só perdem para Steven Spielberg e empatam com Deus.

“Aos olhos dele, eu não era artista. Não era nem mesmo uma pessoa. Era uma coisa - não era ninguém, mas era só um corpo”, escreveu Hayek sobre a sua experiência com o produtor no set da cinebiografia *Frida*.

Após Weinstein, a casa caiu. Outros bastiões, como Kevin Spacey viram a carreira acabar em apenas 72 horas, ao passar de um dos atores mais

respeitados de sua geração para o fim sumário de sua participação na série *House of Cards* após uma denúncia de abuso do também ator Anthony Rapp, quando o último tinha apenas 14 anos.

Mais recentemente, a produção da série da BBC *Ordeal by Innocence* anunciou que refilmará diversas cenas como consequência da exclusão de Ed Westick do elenco, após três acusações de estupro.

Após o tsunami, cerca de 300 mulheres envolvidas com a indústria do entretenimento anunciaram a criação da iniciativa *Time's Up*, cujo objetivo declarado é enfrentar o assédio generalizado no setor. O projeto, que inclui atrizes como Reese Witherspoon e Cate Blanchett, pretende criar um fundo (que já soma R\$44,6 milhões) com o objetivo de subsidiar a defesa legal a mulheres (e homens) assediadas ou abusadas no local de trabalho.

Tory Oliveira

Globo de Ouro: O que você precisa saber sobre os protestos da premiação

A edição de 2018 do Globo de Ouro, que acontece neste domingo, 7, trará o maior protesto feito até agora contra os assédios e abusos sexuais praticados em Hollywood — que foram massivamente denunciados e expostos no último ano, roubando o spotlight de qualquer filme que concorra ao prêmio.

[\(UOL, 07/01/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Por trás da [iniciativa das mulheres que vestirão preto na data](#), no entanto, há uma ação muito maior, a “Time’s Up”. Entenda:

O que é?

[A “Time’s Up Now”](#) ou #TimesUp é uma campanha para estimular práticas que combatam e previnam o assédio e o abuso sexual dentro e fora da indústria do cinema.

Leia mais:

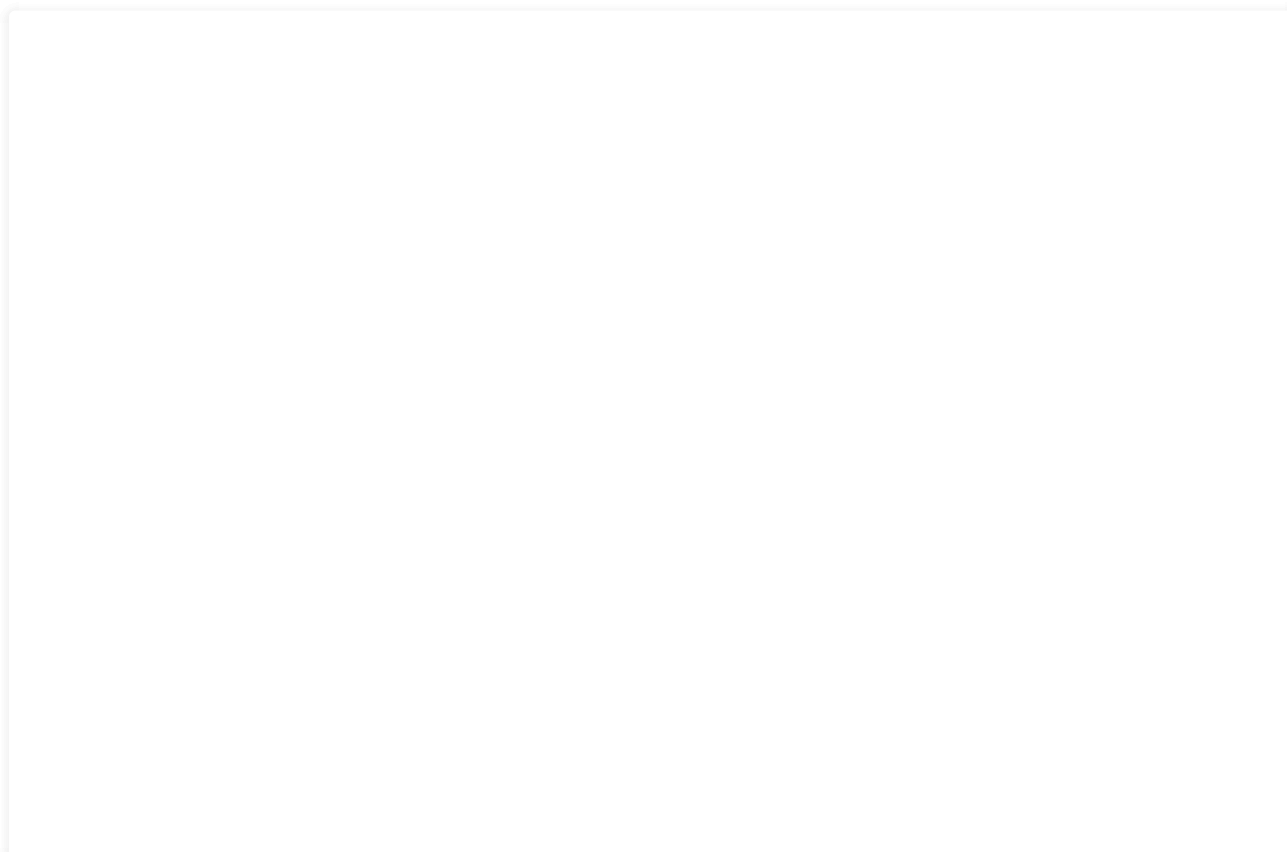
[Globo de Ouro 2018: ‘Big Little Lies’ e ‘Três anúncios para um crime’ são os maiores ganhadores \(G1, 08/01/2018\)](#)

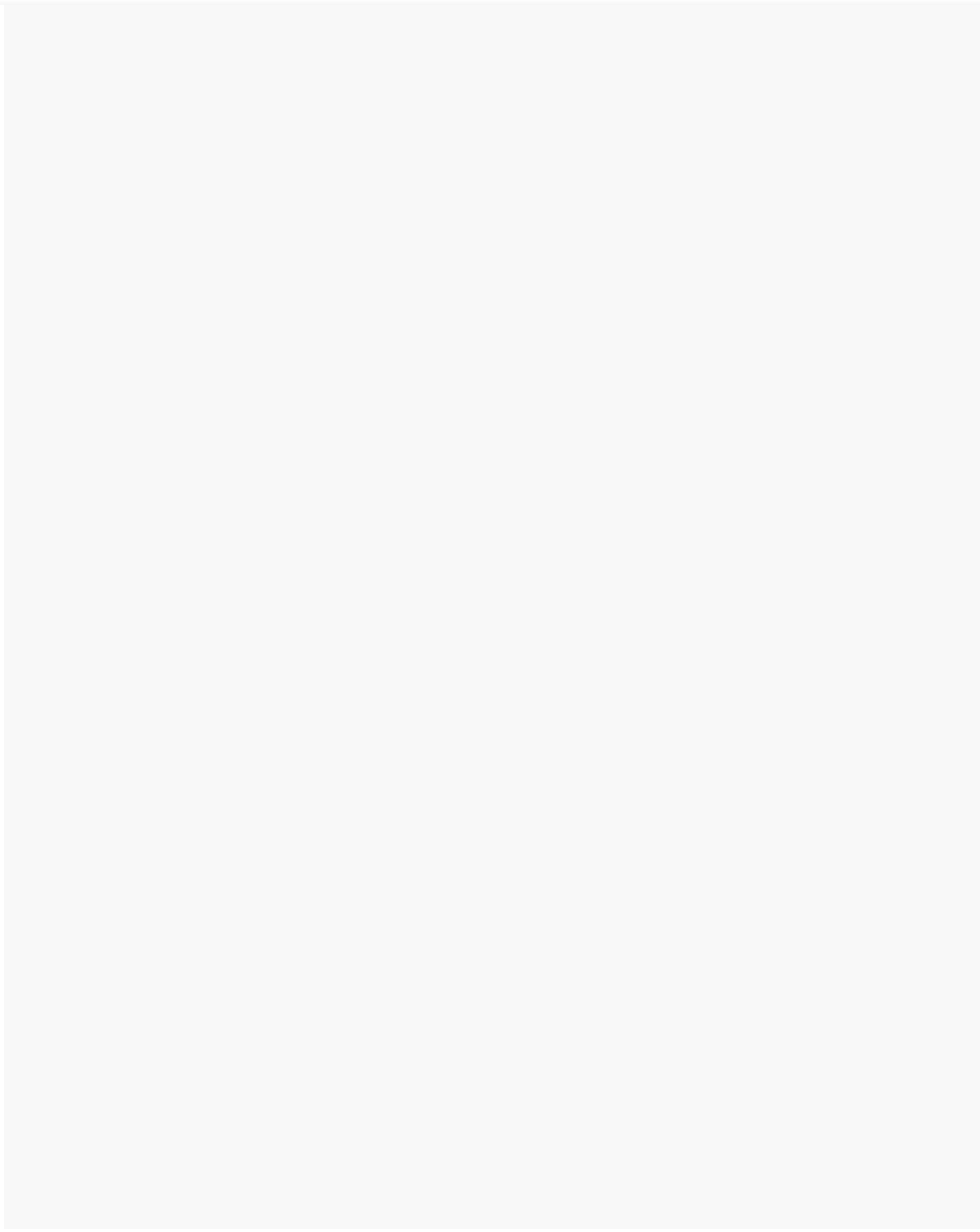
[Globo de Ouro 2018: Oprah Winfrey ganha homenagem e faz discurso sobre força das mulheres, assédio sexual e racismo \(G1, 08/01/2017\)](#)

Quais são as suas atividades?

É possível que todas as atividades relacionadas à campanha não tenham sido ainda divulgadas ou concebidas.

Mas, ao lançar a iniciativa através de seu site, as criadoras propuseram [um material educacional](#) sobre como lidar com um sobrevivente de violência sexual [ou como procurar ajuda legal e emocional se você é um](#), ofereceram informações sobre órgãos que já atendem homens e mulheres nestas situações de fragilidade, além de lançar um compromisso público de propor legislação que combate a prática e atenda quem sofreu com ela.





It's time to shift the balance in the workplace, from representing the few to representing us all.

#TIMESUP

Uma publicação compartilhada por #TIMESUP (@timesupnow) em 1 de Jan, 2018 às 7:46 PST

Suas duas ações de impacto mais direto, no entanto, são o protesto que trará as mulheres de preto ([e os homens com o pin do movimento](#)) à premiação,

além da promoção de um Fundo de Defesa Legal para sobreviventes de violência sexual, com que grandes players do cinema, além do público pode contribuir com doações.

O dinheiro será revertido para quem quer buscar justiça contra os seus agressores, mas não tem meios financeiros para tal.

Quem a faz?

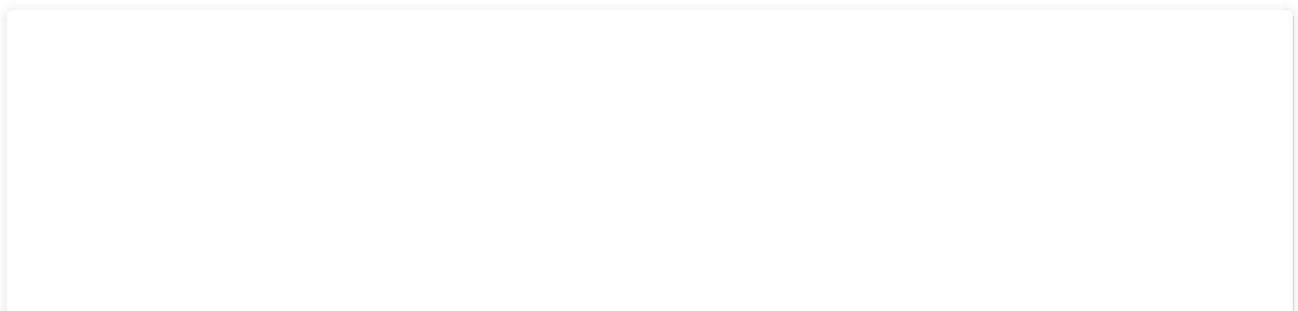
Um grupo de 300 mulheres da indústria da tevê e do cinema, entre elas Reese Witherspoon, America Ferrera, Eva Longoria, Ashley Judd, Emma Stone, Rashida Jones, Kerry Washington e Shonda Rhimes, se reuniu para discutir as medidas que poderiam ser tomadas contra os assédios e conta hoje com o apoio de executivos, agências de talentos e produtoras como a “Bad Robot” de J.J. Abrams, nas ações.

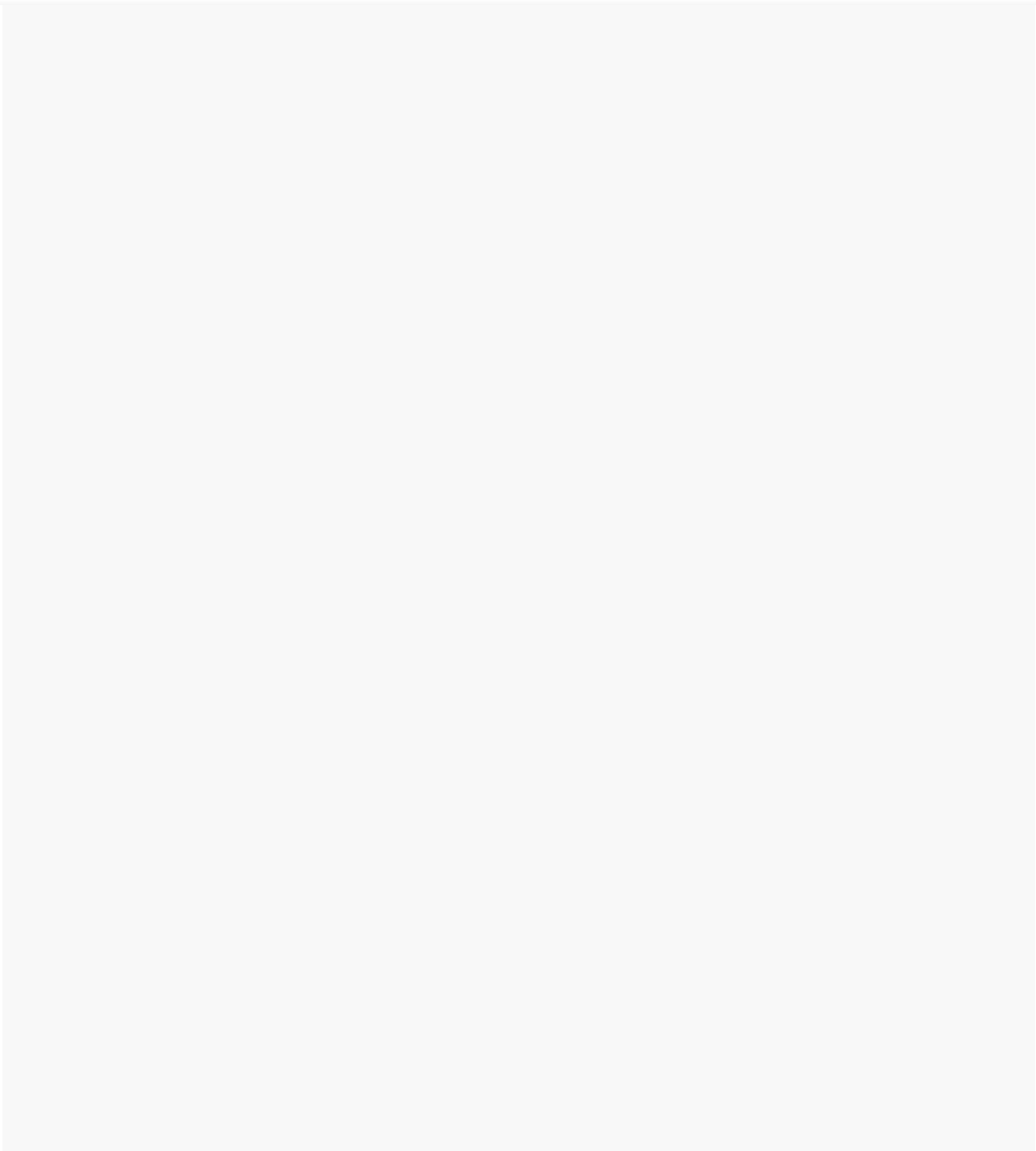
O Fundo de Defesa Legal da “Time’s Up” é liderado pelas advogadas Nina Shaw e Tina Tchen, que era até 2016 a chefe de gabinete de Michelle Obama.

Como ela surgiu?

Depois que um grupo de 700 mil trabalhadoras rurais enviou uma carta de solidariedade às mulheres de Hollywood em novembro, dizendo que elas são “irmãs”, que em ambas as indústrias mulheres experimentam os mesmos tipos de abuso e que elas estão juntas na luta contra a violência sexual e a cultura do estupro, as mulheres do show business decidiram se organizar para buscar mudanças no cenário para todas.

A carta foi extensivamente publicada nas redes sociais pelas atrizes, entre elas, Natalie Portman, que criou conta no Instagram exclusivamente para se unir e acompanhar o movimento:





#timesup Link in bio.

Uma publicação compartilhada por [Natalie Portman \(@nportmanofficial\)](#) em 1 de Jan, 2018 às 12:34 PST

O que ela muda na indústria?

Entre as diretrizes da “Time’s Up” está a negociação igualitária de salários para homens e mulheres, a exigência de maior representatividade nas posições de poder de projetos na indústria, apoio (inclusive legal) aos sobreviventes que relatarem violência, levantamento de dados sobre o

cenário de representatividade e exigência da paridade de gênero em estúdios e agências — o que pode mudar como Hollywood é gerida enquanto negócio.

É possível (e espera-se) que, nas telas, acompanhem nos próximos anos mais projetos femininos ganhando destaque como resultado direto da organização do movimento, que envolve muitas figuras importantes do cinema e da tevê seja na frente ou atrás das câmeras.

Mariana Araújo